ANO 2.º LISBOA—SABADO, 3 DE JUNHO DE 1922 N.º 357

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

COMO não bebemos vinho nem licores ignoravamos a existencia da *Liga Anti-Alcoolica Portuguesa.* Hoje, porém, temos o grande prazer de a anunciar aos nossos leitores. Dedica-se a pregar pela palavra e pelo exemplo, pela conferencia e pelo jornal a guerra ao alcool.

Que resultado colheu já?

Cremos que todos os seus socios são pessoas de bem, tão abstemias em materia de bebidas que nunca perderam a vertical. Da sua acção, entre as turbas, nada podemos dizer. Em Portugal, ha muitos bebedos e quasi todos contentes com os seus vicios.

Haverá qualquer meio de os furtar á tentação?

Um velho pandego que passava a vida a emborcar copos e copinhos de *cognacs* varios disse-nos um dia:

—«Ninguem se convença de que uma bebedeira se apanha sem uma decidida vocação. Não me refiro, é claro, aos bebedos torpes e ordinarios. Estes não merecem consideração. O bebedo autentico busca no alcool o sonho, o extasis, a redenção. Poderá alguem roubar-lhe este direito a ser feliz?»

* * *

SEGUNDO informa *Le Matin*, Paris, quando a temperatura sobe a 30º, padece logo [illegible] não exige tanto, pois qualquer calor lhe basta. Como é uma cidade com grandes tradições maritimas, acusa sempre uma funda nostalgia das aguas. A Companhia, dando-nos o sr. Carlos Pereira, que é uma simples esperança, não faz mais que lembrar-nos os fados da raça.

* * *

CONTINUA a ser esperada com ansiedade a abertura do leilão promovido pela livraria *Portugalia*, da rua do Carmo, em que serão vendidas algumas preciosas edições dos nossos melhores escritores contemporaneos—Eça de Queiroz, Pinheiro Chagas, Sousa Viterbo, Herculano, Ramalho Ortigão e Camilo.

* * *

NÃO sabemos se os nossos leitores prestam atenção á serie de incendios que ha bastante tempo para cá veem devorando alguns edificios, arrecadações e armazens pertencentes ao Estado ou a serviços autonomos, dentro dos quais se suspeita terem-se passado coisas menos que regulares...

* * *

ESTEVE hoje, no ministerio do Comercio, conferenciando com o respectivo ministro, o Comissario Geral da Exposição do Rio da Janeiro, sr. Lisboa de Lima. Não deve ter sido estranho a esta conferencia o desejo do sr. ministro do Comercio informar-se da marcha dos trabalhos do mesmo comissariado.

* * *

O *MUNDO* e *A Manhã* uniram-se, terminando assim uma separação de alguns anos, pois os redactores e director deste nosso colega voltam á casa onde longos anos trabalharam.

* * *

PARECE não estar ainda fixada a data em que se fará o aproveitamento do material de aeronautica naval adquirido para a base de Ponta Delgada e que custou ao Estado a bagatela dalguns milhares de contos.

* * *

O montante da circulação fiduciaria em 12 de abril de 1922 era de 768:179.530$50.

O NOSSO IMPERIO COLONIAL

Continuamos a protestar contra as pouquissimas noticias que do ministerio das Colonias são comunicadas aos jornais, na hora em que toda a gente pregunta o que se passa em Angola e Moçambique.

O *Diario de Lisboa* detesta ter de servir-se de induções e hipoteses arriscadas, sobretudo em assuntos que carecem de ser tratados só com a verdade.

Nós não podemos descurar a nossa politica ultramarína, porque agora mais do que nunca se desencadeiam ambições, em torno de territorios riquissimos que são necessarios para garantir a nossa situação entre os povos, ao mesmo tempo que representam para a nossa vida interna elementos imprescindiveis de prosperidade economica e financeira.

Ha em Portugal quem se ocupa em avolumar todos os boatos e atoardas, venham donde vierem, que só visam a desorientar a opinião, embaraçando a acção dos governos. Nós nunca favorecemos tal atitude que reputamos anti-patriotica.

Queremos andar com prudencia e cautela, pois sabemos que o tumulto nas ideias trás logicamente a desordem nos factos.

Que se passa na nossa Africa Oriental? Como é que vão ser defendidos os nossos direitos soberanos, na discussão do convenio com a União Sul Africana?

Que especie de jogo encobre a atitude do general Smuts?

Será para nós mais vantajoso interromper as negociações, sacrificando o caminho de ferro de Lourenço Marques ao desenvolvimento da agricultura?

Grande serviço prestaria a todos nós, impedindo explorações de baixa politica, o sr. ministro das Colonias se, no Parlamento, respondesse a estas preguntas. Ha quem diga que toda esta balburdia obedece a intuitos pouco simpaticos de comprometer, contrariando-a, acção dos altos comissarios.

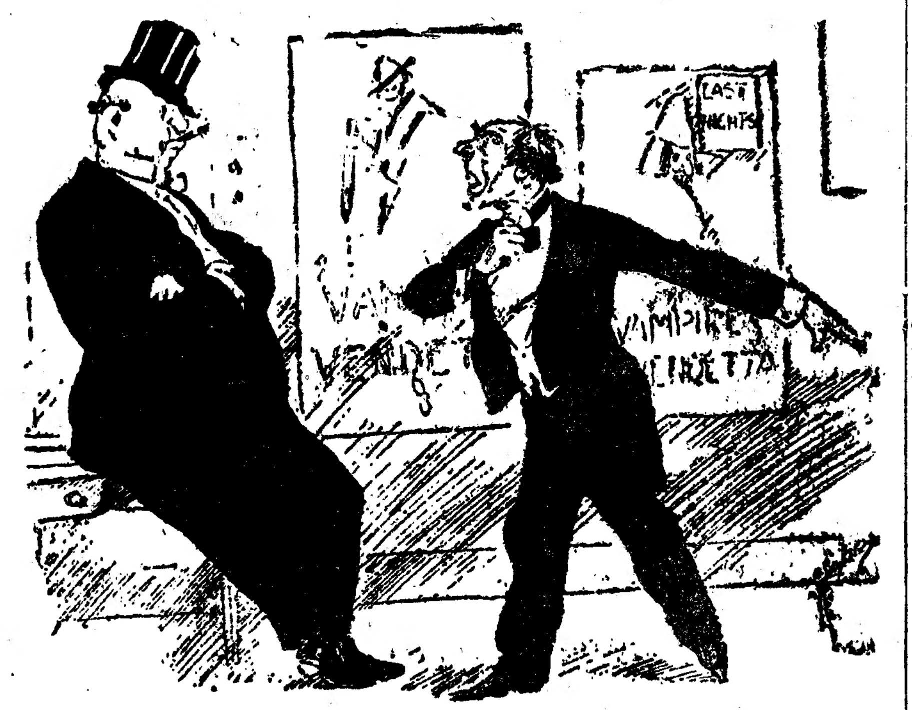
Custa-nos a acreditar que assim seja.

O sr. dr. Brito Camacho ou o sr. Norton de Matos não podem ser tratados como duas creaturas quaisquer, visto que têm a seu favor meritos e serviços que os distinguem da turba dos anonimos. As responsabilidades dos seus cargos não são daquelas que assentem sobre os ombros do primeiro amotinador das ruas. Se os desacreditarmos, inconsideradamente, fazendo fé por afirmações aventurosas, a nossa obra de colonizadores muito sofrerá com isso.

Os erros que porventura hajam cometido caem sob a alçada da critica. Isto é legitimo, é justo.

Não queiramos, porém, cometer generalizações desvairadas, submetendo ao mesmo juizo pegorativo tudo o que já fizeram de bom, em beneficio do nosso imperio colonial.

As exigencias do publico



O AUTOR — Ouça o publico. Dá-se-lhe uma tragedia, gritam por uma comedia. Se lhe damos uma comedia, vociferam por uma tragedia. E' dificil saber o que pedem...

O EMPRESARIO — Pelo contrario. E' bem facil... Pedem o dinheiro dos bilhetes...

ABRIU hoje, na «Bobone», a exposição do pintor Albert Jourdain. Concorrencia escolhida—artistas, jornalistas, criticos, publico culto. Saudações, abraços, aplausos.

Há um retrato da sr.ª C. de V. que é um mimo de serenidade e graça melodica em que o rosto e os braços, duma fina carnação macia, cantam sobre a côr cinzenta a alegria rutila e suave das primaveras.

A *Hora doirada* é um poema de luz pagã caindo sobre o casario como uma aureola.

Albert Jourdain escolheu a Ericeira para seu refugio de arte e meditação. Os seus quadros dão-nos dezenas de aspectos da formosa vila—as suas ruas, as suas casas, os seus telhados as suas gentes, as igrejas, a praia, o mar. Como a sua sensibilidade possue o dom magnifico de fixar em manchas e dedadas dum colorido que canta em estrofes a encantada vida das coisas!

* * *

TCHITCHERINE teve uma entrevista com d'Annunzio, durante a qual, conforme a agencia Stefani disse ha pouco, o primeiro teria confessado a falencia do bolchevismo e o segundo teria chorado sobre a tragedia do povo russo.

Surge agora uma nova versão—Tchitcherine limitou-se a expor as *étapes* do comunismo, a fim de se definir como uma realidade social e D'Annunzio pediu-lhe informações para corrigir, em certos pontos, os seus juizos sobre a revolução bolchevista.

No fim, abraçaram-se, saudando aquele a Italia e este a Russia. Este abraço foi tão fraterno que o diplomata e o poeta pareciam cidadãos da mesma patria.

* * *

PARECE que há, efectivamente, qualquer coisa de bastante grave no que respeita a Moçambique.

Durante a tarde os politicos andaram azafamados a tratar do assunto. Na proxima segunda-feira ocupar-se-há dele a Sociedade de Geografia.

* * *

TRINDADE Coelho publicou, no *Primeiro de Janeiro*, o seu anunciado projecto de Separação do Estado das Igrejas. Abrange simplesmente sete artigos. E' um trabalho conciso, mas por isso mesmo claro. Se alguma vez fôr convertido em lei, a liberdade religiosa será um facto entre nós. Quando chegará essa idade feliz?

* * *

O NOSSO colega *Diario de Noticias* publicou agora um numero especial — o da primavera. Os nossos melhores poetas e prosadores deram-lhe a sua colaboração. Interessantes ilustrações, algumas delas a côres.

Trata-se dum trabalho que honra a empresa que o editou.

* * *

REALIZOU-SE hoje, no Salão do Conservatorio, com enorme concorrencia, a segunda audição das alunas do professor de piano sr. Marcos Garin.

* * *

A'MANHÃ, pelas 15 horas, realiza-se, no Teatro Nacional, a quinta audição popular gratuita da Escola da Arte de Representar.

* * *

O GOVERNADOR Civil de Lisboa visitou esta tarde o Albergue das Crianças Abandonadas.

Musica

Ivo Cruz

Está-se finalmente iniciando esse interessante movimento de novos que há tanto ambicionavam os que verdadeiramente se interessam pelo bom nome da nossa Arte. Na literatura surgem diariamente talentos despidos de influencias estrangeiras em que se sente a ansia de fazer vibrar na sua prosa ou no seu verso verdadeiros pedaços da alma portuguesa. A pintura encontrou já excelentes estilisadores dos nossos tipos regionais, cheios de originalidade, de espirito nacional e, o que é importante, de feição retintamente moderna. Na musica que até há pouco ainda era praticada entre nós sómente dentro de moldes rotineiros, gastos á força de usados, destituidos daquela originalidade que só pode dar o que é novo e imprevisto, esboça-se já hoje uma pronunciada tendencia para acompanhar o movimento de transformação porque estão passando em toda a parte as formas de arte. Entre os novos campeões dessa cruzada justo é destacar, dando-lhe um logar de inconfundivel relevo, um jovem, muito jovem compositor que há dias fez a sua apresentação ao publico nas salas da Liga Naval: Ivo Cruz. O seu concerto composto de peças vocais, de piano e de violino foi uma verdadeira revelação no nosso meio, onde o seu nome é já agora apontado como o de alguem a quem sem duvida está reservado um grande futuro de gloria. Ivo Cruz possui aquele instinto do timbre e aquela espontaneidade na forma de encontrar combinações harmonicas felizes, naturais, sem esforço nem artificio que caracterizam o verdadeiro temperamento artistico.

Vê-se que a sua educação musical tem decorrido muito em contacto com os mais avançados vultos da moderna escola francesa indo nas suas influencias até ás audacias do interessante grupo de «Os seis».

Plas suas composições perpassa uma rajada de inspiração erguida, audaz e palpitante que bem revela á altura a que Ivo Cruz foi colocar a meta das suas ambições. Bom sintoma é esse: artista moço cujo talento não tenha vôos, arrojos, impaciencias, é artista «manqué».

Com esses vôos é preciso, porêm, cautela. Infelizmente, na arte encontram-se os Icaros com mais frequencia do que seria para desejar. Não tenho ainda idade e falha-me a autoridade para dar conselhos. Seja-me licito, porêm, lembrar a Ivo Cruz que conquanto seja bom, seja mesmo o seu dever acompanhar o movimento da sua epoca, é necessario não esquecer os tratados, conhecer profundamente as regras basilares, sem as quais nunca o espirito do artista poderá conseguir aquela solidez e aquela estabilidade necessarias para fazerem da sua obra qualquer coisa de resistente aos embates da critica e do tempo. Não que nas composições ontem ouvidas se note aquela estravagancia que costuma denunciar a falta de conhecimento dessas regras necessarias, mas porque a ansia de originalidade, o desejo de requinte, o ardor de pessoalismo, não poucas vezes costumam conduzir a esse caminho.

O programa constou de uma *sonadilha*—como portuguêsmente lhe chamou o autor—para piano e violino muito bem trabalhada na forma ciclica e tendo no ultimo andamento a nota nacionalista ferida em cheio pelo ritmo de uma dança regional do Algarve, de varios numeros de canto com versos de poetas portugueses pertencentes tambem á nova geração, magnificamente desempenhados pelas senhoras D. Ema dos Santos Fonseca e D. Margarida Iglesias e de dois grupos de peças de piano—«Tripatico»—interpretados por Botelho Leitão e —«Aguarelas»—tocadas pelo autor, algumas das quais deliciosas e que obtiveram muito merecidamente honras de «bis».

Nesta interessante festa, para mais se acentuar o cunho de juventude que a caracterizou, alguns dos interpretes eram estreantes, como a senhora D. Margarida Iglesias e o sr. Raul Madureira que tocou a parte de violino da «Sonadilha».

Um bravo a Ivo Cruz e um apelo aos artistas portugueses para que voltem com carinho as atenções para este artista que apenas começa e, mais do que simples esperança, é já uma certeza que o futuro se encarregará de confirmar.

Oliva Guerra

SOBRE A MESA

Cronica de livros

POR

Norberto de Araujo

João de Barros, poeta da acção e da vida magnifica e luxuriosa —«Ritmo de Exaltação»—Uma obra mascula

De entre os muitos livros que têm vindo á nossa mesa de trabalho—os que cantam a alegria, os que troçam a vida, os que copiam os costumes, os que elevam hinos ao Amor e confessam a Desilusão—nenhum como este de João de Barros se pode considerar perfeito, vibrante, viril.

«Ritmo de Exaltação» é a obra de arte e de literatura mais bela deste meio ano de letras, e nem eu—anotador tolerante para todas as formas—desconheço os ultimos livros, entre os quais o de Afonso Lopes Vieira, que me agradou comprar, e que está cheio de estro, e de uma beleza delicadissima de orgulhos, como o das pequeninas princezas, doentes da côr.

João de Barros é um poeta de escola. E' um poeta que canta Saude. Toda a sua obra, na qual ha paginas que são do mais lindo de uma Raça que teima em firmar-se pela acção e pela côr, toda a sua obra é ritmica, mas viril e desempenadamente ritmica. Neste ultimo livro, porém, João de Barros atinge o melhor da sua forma vibrante, alada, inspirada.

O poeta da *Terra florida* e do *Caminho do amor* não nega o lirismo, nem nega a saudade, nem nega a ternura da nossa terra florida e amorosa. Tudo nele, neste livro principalmente, é como nós somos, e é o espirito de Portugal—eterno espirito ansioso ora pelo ceu da duvida ora pelo ceu da gloria—e é como é feita a propria alma da Raça, a cantar as coisas humildes e a levantar poemas, como tempestades, no Mar da nossa razão de ser historica. João de Barros, em amor, em ternura, em *soidade*—nele tão bem traduzida pela ideia magnifica da Distancia, palavra cuja pronunciação tem azas como as aspirações—mantem-se fiel ao cancioneiro e ao lirismo português.

Mas onde João de Barros cresce como poeta é na imponencia que ele imprime ás suas ideias magnificas de cantor dos seus delirios, dos seus devaneios. E' na febre de acção, no anseio de vida, no clarão de vontade e de gloria que nos seus versos palpita, como o coração na alma de um romantico apaixonado, de alma decidida e corpo saudavel, como o das virgens fortes das rusticas herdades.

Ha saude em toda a sua obru. E nesta saude, que é Côr, é Beleza, é graça, encantamento do nosso seculo,—não deixa de correr um tenue e delicadissimo fio de emoção, indispensavel ao nosso sentimento, todo ele feito na escola dos trovadores, dos estros limpidos dos cantares de amigo, dos ingenuos rimanceiros dos tempos velhos.

«Viver...
(diz o Poeta a Malheiro Dias)
«Viver.
—Meu irmão soluçando á hora do Sol posto não é deixar caír os braços e descrer:
—E' conquistar a vida, e olhá-la rosto a rosto, em sua dôr eterna e seu breve prazer.

Amar
....
é prender outra amante á força do teu gesto,
é queimar teu olhar no fogo d'outro olhar.

Estes periodos são definições de um sentido orgulhoso e salutar dentro da existencia. *A Princesa e a espuma* é uma balada, onde ha a estilização do romance antigo, num encadeamento entre a harmonia da ideia e a melodia da forma, que em rarissimas estrofes desafina do seu ritmo, direi que perfeitissimo.

A pagina da *Renuncia* é um desabafo incoerente, mas é um pedaço cantante da melhor poesia do nosso tempo.

«Não quero a Gloria,
não quero o amor!»

E' uma ansiedade florida que sobe, em aspirais de desespero e de entusiasmo.

«Quero a alegria de ser vitória
contra a ansiedade que em nós delira
contra a miragem, contra a mentira
contra a verdade da minha dor!»

Este livro de João de Barros, manifestamente formoso, amante da vida e da gloria, está tocado de duvidas e de desilusões doentes, o que faz supôr que a tendencia do poeta luta com a fatalidade que cria e mantem os Poetas. Mas João de Barros desembaraça-se das fraquezas de alma para surgir, em pleno ceu de promessas, vestido de côr. Só por si, *Ritmo de Exaltação*, não consagraria o autor. Mas uma obra não pode ser vista por uma peça, nem uma reputação se faz apenas por um acto de vitória ou por um verso de triunfo. Este livro novo, de João de Barros, ao qual esta referencia não aumenta nenhum brilho, completa muito bem a sua já longa estante de poemas, na qual um fremito de vida perpassa delicamente, como numa harpa de milagrosas cordas os dedos inspirados de heroica tangedora.

A edição é de Aillaud e Bertrand, e veste-se de um luxo discreto e moderado.

N. de A.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa da Povoa, D. Maria do Carmo Nobre de Abreu Peixoto e D. Maria Amelia de Castro.

E os srs.:

D. Manuel de Noronha, dr. Eduardo de Castro e Almeida, Antonio de Saldanha, José Mateus de Almeida de Mendia, Nuno Infante de La Cerda (Sabroso), Manuel de Melo Campelo e Francisco dos Santos Pereira.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas, esposa do nosso antigo colega na imprensa sr. Alfredo Lamas.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Diplomatas

Deve ter partido ontem para a Alemanha, com sua esposa, o ilustre conselheiro da Legação de Espanha em Lisboa, sr. Fiscowich, que aí vai em goso de licença.

—Para Venezuela deve partir brevemente o sr. conde de Planas Suares, ilustre ministro em Lisboa.

—O sr. Ministro da Alemanha dará hoje um jantar no palacio da legação ao corpo diplomatico.

A caridade

No Parque Anadia

Como prometemos, damos em seguida a nota da ilustre comissão organisadora da elegantissima festa de caridade que na tarde e na noite do dia 10 do corrente se realisa no magnifico Parque Anadia, amavelmente cedido para esse fim, cujo produto reverterá a favor do cofre da Creche de Santa Helena, a benemerita instituição de caridade da freguezia da Lapa, situada na travessa do Possolo, á Estrela.

Eis a nota:

D. Adelaide de Sousa Holstein, D. Angeja Piato Leite Carvajal (Ximenes y Molina), D. Augusta Ferreira de Azevedo Castelo Branco, condessa de Estarreja, condessa das Galveias, condessa de Monte Real, condessa de Mossamedes, condessa de Nova Goa, conde de Porto Covo, condessa de Valenças, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Estrela Jardim Hintze Ribeiro, D. Eugenia da Camara de Almeida e Vasconcelos (Mossamedes), D. Joana Folque Souto, D. Laura Cancela Infante de La Cerda, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Maria Emilia Seabra de Castro, D. Maria Feliciana Ortigão Burnay, D. Maria de Lancastre van Zeller, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria de Magalhães de Menezes e Almeida, D. Maria de Oliveira Reis, marqueza da Praia e Monforte (D. Maria da Conceição), D. Rita Mendonça de Sommer Pereira, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos e viscondessa de Olivais.

O festival constará de todos os divertimentos costumados, havendo de tarde «guinhol» para crianças.

Pela maneira como a ilustre comissão está trabalhando, estamos certos que festa do dia 10 do corrente no Parque Anadia será revestida de grande brilhantismo.

No Parque Mayer Ulrich

No dia 8 ou 10 deve realizar-se no parque da residencia da senhora D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, e do sr. dr. Ruy Ulrich uma elegantissima festa de caridade a favor de varias obras de caridade da freguesia de Santa Isabel.

Nessa noite será representada em um elegante teatrinho armado em um dos pontos mais pitorescos do magnifico jardim da aristocratica residencia um encantador episodio dramatico da autoria da ilustre dona da casa, trabalho literario, que ha anos em Cascais obteve, quando representado, um exito seguro. A interpretação da peça esta á cargo da sua autora e de varias senhoras da nossa primeira sociedade.

Esta elegantissima festa decerto que revestirá, como sucede sempre em todas que a brilhante escritora organiza, um grande cunho artistico e mundano. Nessa noite os vastos jardins regorgitarão de tudo que de melhor conta o nosso meio mundano.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará «rendez-vous» ámanhã na praça de touros do Campo Pequeno, corrida de beneficencia a favor dos pobres do Seculo e á noite em S. Carlos, sarau do Orfeon do Coimbra.

Doentes

Encontra-se bastante doente o rev. João Damasceno Fiadeiro, paroco da freguesia de Santa Justa e Rufina.

— Encontra-se bastante doente o sr. Vasco Marinho, filho do sr. Pedro Marinho.

Em viagem

Regressou de Paris o sr. André Supardo.

—Deve ter partido ontem para o estrangeiro a bordo do paquete «Cap Polonio» o sr. Jorge de Mendoça.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

«Rendez-vous» elegante — **Hoje** no
NACIONAL Telef. N. 3049
O original de D. Branca de Gonta Colaço
AUTO DOS FAROLEIROS
apresentado com o maior brilhantismo e aparato
Alegorias historicas — Bailados — Maravilhosos efeitos de luz e deslumbrante montagem
O original de Carlos Selvagem
CAVALGADA NAS NUVENS
Camarotes de 1.ª ordem e frisas, 25$00; camarotes de 2.ª ordem, 20$00; Fauteuils, 6$00
Brevemente — A peça «O CONDENADO», de Afonso Gaio

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 20,30 (8,30) — HOJE
O maior acontecimento do cinema — 2.ª e ultima jornada do emocionante «film»
ATLANTIDA
Grande combate de box entre
Criqui campeão de leves — **Ledoux** campeão da Europa
A notavel cançonetista de transformação e fantasia
ZORONDO LA BELLA
Deslumbrantes «toilettes» — Magnifico cenario
A'manhã — Grandiosa matinée

Teatro Chiado Terrasse
EMPRESA «A INTERNACIONAL»
GERENTE: A. EMAUZ
HOJE — ás 8 1/2 e 10 1/2 — HOJE
A revista em 2 actos e 9 quadros
Tiro ao alvo!
Nova Companhia de Revistas de que faz parte o actor Silvestre Alegrim
Ensceuação de Rosa Mateus
2 — Grandiosas apoteoses — 2
Scenarios surpreendentes — Primoroso guarda-roupa — Deslumbrantes efeitos de luz

A melhor das revistas em sessões, recomendando-se pelo seu espirito e deslumbramento E' a do
TEATRO SALÃO FOZ
e intitula-se
Piparote
em que hoje reaparece a actriz
Deolinda de Macedo

RESTAURANT ROMA, LT.ª
(Antiga Flôr de S. Roque)
100 — RUA DO MUNDO — 104
Optimo serviço de mesa á lista.
Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées».
— Preços sem competencia —

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

LITERATURA REGIONAL

O novo livro DE Alfredo Guimarães INTITULA-SE

Terras de Alegria

(Desenho de Alberto Sousa)

TERRAS DE PORTUGAL

Transcreve-se UM trecho do capitulo INTITULADO

A Feira de Braga

Deixa-se o *Campo da Vinha* pela esquerda, corta-se o nobre *Campo dos Touros*, outrora tão bracarense e a que hoje um barracão alfandegario conspurca todo o doirado ambiente do mercado colorido e franco, e entra-se na rua chamada de *Souza*, em consagração ao mais benemerito dos primazes de Hespanha.

E' esta uma situação de verdadeiro interesse arqueologico. Em baixo fica o Arco da Porta Nava; da nossa direita e em frente, a igreja da Misericordia e um trecho do revestimento da Catedral; da esquerda, os velhos paços prelaticios avultam, ainda naquela avantajada fabrica que lhes dera o temperamento novista e faustuoso do arcebispo D. José de Bragança.

Depois, subindo, entra-se na rua chamada do *Souto*, onde o negocio, já figurado em sombra da grandeza de outros tempos, dá todavia, ainda, algumas notas de particular e pitoresco interesse.

Ali negoceiam, entre outros, o ourives, o cereiro e o paramenteiro.

Nas vitrinas com oiro gulosam os camponeses as arrecadas, os relicarios com filigranas, os trancelins, as correntes, os alfinetes com esmaltes, os corações, as borboletas, os colares de grilhão, os aneis, os brincos, as bolsas de prata, as cruzes de peitoral, os fios de contas, as ancoras, o signo-saimão, as figas, as meias luas, os olhos de prata para Santa Luzia, os brincos «á Rainha», as argolas de cabaço, as pulseiras, as patênas, os calices, os hostiarios, as varas e as custodias de altar-mor.

Esta é uma rua para as romarias e para as igrejas.

Segue-se o cereiro.

Neste estabelecimento a vitrina expõe as figuras em cera que é uso ofertar nos santuarios e que o modelador, uma vez enxuto o material, pintarola a seu belo capricho — pintura esta que é, aliás, o principal atractivo dos objectos para o camponio empenhado em ser alegre e generoso na sua gratidão ao orago. Deste modo, coloridos de acaso onde o pincel lhe aprouve poisar para uma rapida nota de azul, vermelho, roxo e violeta, o que sobre tudo agrada observar neste trabalho é a dureza de desenho que a fôrma imprimiu nas figuras, a sua quasi ausencia de modelação, documentando assim não só o arcaismo do processo, mas tambem, e para nós muito principalmente, a feição do sentir estético do povo aldeão, o qual, neste como em todos os restantes casos, não constitue criterio proprio, mas exclusivamente se produz como um fenomeno de influencia meramente visual.

E dêmos conclusão á serie dos negocios de origem religiosa.

Aqui estão os serigueiros e paramenteiros tradicionalistas, com os seus mostruarios suspensos e envitrinados em capela — as casulas, as estolas, os manipulos, os barretes, os pavilhões, os veus de ombros, os roquetes, as faxas, as murças, os cabeções, as umbelas e os palios. Emfim, uma gente celebre pelo seu ar serodio, mas em quem é legitimo respeitar, sobre tudo nestes tempos de dissolvente oportunismo partidario, a lagrima fiel que ainda hoje legitimamente choram por certa e saudosamente proscrita legitimidade...

E agora vamos aí adiante, aos violeiros da rua de Santa Cruz.

A tenda antiga terminou. Ali eram costumados os clarinetes de buxo, amarelos, com as suas pernêtas de metal a regularem os sonidos do *Verde-gaio* e o *S. João* ribeirinho; eram costumados os pandeiros galegos, com duas ordens de ferrelhas casando-se, de postigo em postigo, na cavilha forjada, de onde em onde o arco redondo do instrumento; apareciam os ferrinhos, cujo melindre musical os pregos de meio-forro acusavam, suspendendo-os delicadamente ao redor do instrumental armario envidraçado, com a cavilha de contra-ponto enfiada por um cordel; estacavam tambem os tambores de mão, de alças tensadas, e que nos caminhos para o arraial marcavam, entre os instrumentos que incendiadores da paisagem, o fundo assento sonoro das coisas bem reguladas, á antiga, com patriarcalismo e feição; e era então o luxo a rabeca das desfolhadas, a feiticeira que gemia dalma nas voltas em desenho pelas anquinhas das moças, quando o mestre de dança aldeão, sob três descargas de palmas festivas, ordenava a contra-dança na *Caninha-Verde*, bradando a efeitos coreograficos:

—Virou! Dançou! Pulou!

E a dança prosseguia, abaloada, com o clarinete de canudo ao alto, a conversar com o sol.

Porém, hoje em dia, na tenda do violeiro descansam lá apenas os titulares da industria —a viola braguesa, encordoada a seis pares de arame, cravelhas de cerdeira, e com o seu rotulo amarelo, em etiqueta de oficio, engrudado na loja de trás do edificio da peça e, entrosim, o garoto do filho, o cavaquinho braguês, especie atrevida de mariola que trepa ás arvores para recolher os ninhos e os frutos, que tal que se representa quando, com quatro simples cordas de tripa e a borla de lá vermelha tombada no sobrolho, rompe no eido com rifa ou aquixota pelo meio do arraial com derriçados, contente e lepido, como a dizer aos sensaborões desconfiados, para uma e outra banda:

—Ricos olhos tem o mocho!...

—Bem te vais em quadris, mosca morta!...

—Viva Deus, que as tulipas da madama valem uma Salvé-Rainha!

Pelo que pára e romóca:

> Verdelhão vem de verdelho
> Verdelhão vem de verdelho
> ai!...
> verdelho de verdear...
> Eu do verde me contento,
> eu do verde me contento,
> ai!...
> se o verde se não zangar...

Ruas adiante, num grande campo em clamor, temos a feira de gado.

Bate-a o sol vermelho do outono e parece um campo tumultuoso de campanha.

E' quási tudo gado graúdo de Barroso, de cuja raça hoje em dia o Minho é o mais activo criador.

Por toda a feira, a melancolia dos gados, representada com silencio nos grandes olhos manços dos animais, contrasta absolutamente com a verbosidade e animo alegre dos camponeses.

Por sua vez, os vitelos, vivas crianças animadas que se fartaram de pular pelo caminho fóra, descançam na feira, ajoelhados de peito sobre as mãos e a travarem os beiços, com fome, pela doçura dos pensos tenros.

E entretanto serpenteia na feira a serie conhecida dos frequentadores—o que consulta, o que observa, o que calcula, o que apreça, o que chalaceia, o que conta consultando a vida, observando os couros e as unhas, calculando os juros do dinheiro, apreçando a ultima palavra do possuidor, chalaceando da compra feita, contando a prata do saquitel, inquieto de desconfiança pelos observadores e de olho fixo na mão que recebe, não vá o homem ser prestidigitador e sumir-lhe as meias coroas pela manga da quinzena de saragoça.

Feita a conta, some-se o gado. A todo o momento, do imenso campo onde a feira se ordenou rompe, por aqui e além, a gadaria que levanta do negocio.

Todavia, a feira mantem-se por muitas horas, repetindo-se na entrada e movimento das figuras, produzindo sempre os mesmos episodios, entretanto que os sacristães mendigam e os cantadores de romagem, como o cego da rabeca á estribeira, apontam com quatro arpejos umas voltas, em dialogo, ao *Senhor de Matosinhos*.

E vá de chalacear com os cantadores, perguntando ao da rabeca, sempre abstrato, em que penedo do monte é que esconde as libras de cavalinho...

—... das boas!

O gado bate os galhos, em brinquedo, que estalam como madeira.

E nisto rompe o pimpão vermelhaço e espectuculoso que dominam «o comprador de gado». Traz a barriga de carniceiro empandeirada na faxa côr de vinho. Quem vende? Cumprimenta os amigos, que é toda a gente, mesmo os que nunca viu. Para ele os gados são nada e o dinheiro é tudo. Mostra uma carteira de vitela recheada de notas de cem. Procura o bolso, no forro da baeta, entrouxa a carteira, e mostra em seguida os saquiteis de prata; as cartas, o lenço tabaqueiro. Ele tem resolvido terminar com aquele negocio, que não rende coisa que se veja. O bom negocio, o *daqui* (da palpebra arregaçada) é comprar comboios! O de Nice estalhe na conta, mais quinhentos, menos quinhentos.

De repente:

—E gado, amigo?

Toma as pontas dos bois e move-os, fá-los desandar com impulso. O gado arredonda o campo com os trazeiros, e o comprador recebe-lhes com orgulho as barrigas na barriga, solidariamente.

O seu negocio é de objectiva, com estantaneo. Um olho fechado com vigor; o outro álerta; de repente o braço que se lhe ergue, a mão que se lhe fecha no alto, e, subito, com vertigem uma ombreirada,—estava encontrada a oferta. Tantas moedas.

E trata logo de desafitar a carteira de vitela.

Curiosas são essas mascaras secas dos velhos que observam ao redor, com as duas mãos apertadas na ponta do varapau, os quais ainda não estão em si da novidade de aquele homem querer comprar o comboio de Nine!...

Na ponte, então, dentro da taberna, junto de que a nossa diligencia pára, cantam os caminheiros de romarias e mercados.

São quatro: o cego da rabeca, o marmanjão da viola, um velho que dedila a guitarra e uma rapariga de olhos azueis e umas grandes siganas de oiro nas orelhas.

A' ilhargas das duas portas de entrada estavam pequenas mesas atoalhadas, com pratos redondos apinhados de sardinha e bacalhau frito, a que outros bem decorados pratos de aletria com canela faziam gulosa camaradagem.

Prestes o carro partiu, e no alto, sobre a lomba do «Pinheiro da Graciosa», puz meus olhos na cidade em grande campo de arruamentos e campanarios, docemente molhada numa luz de violeta, misteriosa e antiga.

O "DIARIO DE LISBOA"
Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

EDEN-Teatro
Companhia Espanhola Barreto Ballester
HOJE — Ás 21 horas (9 da noite) prefixas
Permanente gargalhada 3 graciosissimas zarzuelas do «genero chico»
que serão représentadas pela ordem em que vão mencionadas
Patria Chica
que ontem obteve enormissimo exito
LAS BRIBONAS (Estreia)
El Santo de la Isidra
Três grandiosos sucessos dos teatros espanhois
Os espectaculos da Companhia Espanhola começam, rigorosamente, á hora marcada
Os mais atraentes, concorridos, animados e variados espectaculos de Lisboa

POLITEAMA
Empresa Luis Pereira
Telef. N. 3028 A's 21,30
Reaparição da peça de extraordinario exito
AZAS QUEBRADAS
Notavel interpretação de toda a companhia
Amelia Rey Colaço -- Robles Monteiro
Brevemente
A menina virtuosa

APOLO Telef. N.-4.129
Companhia RUAS
GRANDIOSO SUCESSO
sem rival, nem precedentes
— A graciosa e deslumbrante revista —
PORTO, tantos de tal
com a sensacionalissima apoteose do carro electrico, atravessando a ponte de D. Luís, do Porto
AGRADO UNANIME

TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

TEATRO AVENIDA
Companhia Cremilda-Chaby
Grandioso sucesso
ás 21,15
A maluquinha de Arroios

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A maior dôr humana

Andam ha seculos, desde que o mundo é mundo, os poetas e os filosofos, na ansia insatisfeita de descobrir qual é das grandes dôres humanas a maior. E todos os dias, quando julgam ter decifrado o misterio, surge uma dôr maior, mais pungente, mais desesperante.

Para cada um, a maior dôr é a mais recente, porque atenua, porque esfuma as longinquas dôres já sofridas.

Gomes Leal, descrevendo a Virgem ajoelhada ante o corpo do Filho Morto, julgou tê-la encontrado. Mas de então para cá, que dôres tremendas, que dôres inacreditaveis, se não têm sofrido!

A vida é um deserto doloroso e sombrio, onde os «oasis» de alegria e de felicidade facilmente se contam. Sómente, muitos se resignam, porque têm a fé a iluminar-lhes a alma, porque têm a crença a protege-los do vendaval do mundo.

De resto, a Dôr é-nos tão necessaria como o prazer, como o pranto. E' na Dôr que os corações se retemperam, é nas lagrimas que as almas se banham, se tornam limpidas e cristalinas.

Viver sem ter sofrido não é viver. Só não sofre quem não sente. E quem não, sente, pode julgar que vive, mas não vive.

A maior dôr humana — saibamno os filosofos e os poetas—é não se poder sentir alguma Dôr...

Felix Correia.

MUCOSAN
Ultima maravilha da sciencia alemã
Unico remedio que em 3 dias as mais rebeldes Cura
— purgações —

MUCOSAN
Indispensavel na higiene intima das senhoras
Unico remedio que em 5 dias as mais antigas Cura
— flôres brancas —

VENDEM
Farmacia Barral - 124, R. do Ouro, 126
Teixeira Lopes & C.ª - 154, R. do Ouro, 156
União C. de Drogas, L.ª - 180, R. Augusta
Drogaria Quintans - 194, R. da Prata, 196
Silva, Neves & C.ª, L.ª - 229, R. da Prata, 231
Azevedo, Irmão & Veiga, S.[rs] - R. S. Roque
V. Ribeiro & Carvalho da Fonseca — R. da Prata, 237, 1.º

DEPOSITO PARA PORTUGAL E COLONIAS
A. SERRA E MOURA, Ltd.
T. dos Remolares, 30, 2.º — Tel. 3353 C.

CAMBIOS

DIA 3

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$000	66$000
'|Londres, cheque	4 3|16	4 1|16
» 90 d. v.	4 1|4	—
Rio '|Londres	7 17|32	—
'|Paris	1$170	1$203
'|Itália	$672	$692
'|Bélgica	1$080	1$115
'|Suiça	2$455	2$535
'|Espanha	2$026	2$090
'|Berlim	$046	$050
'|Holanda	4$980	5$140
'|Nova-York	12$800	13$200
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1.200	1.300

LISBOA BONITA

A Camara Municipal

tem uma proposta de construção

de mercados, de matadouros e outro sobre o Parque Eduardo VII

VINTE E QUATRO MIL FRANCOS DE UMA COMPANHIA FRANCESA

A cidade não anda limpinha. Mas isto é uma coisa historica que tem acendido epidemias, da qual já falava o cronista mór do reino que se chamou Fernão Lopes. Lisboa divide-se em duas partes: a aceiada na mó arquitectura dos seus predios novos, rectangulados nas avenidas novas; e a outra, a por lavar, em estilo mourisco ou pombalino. Lisboa teve um Rosa Araujo, o do pastelinho cocó, que a arranjou um pouco a trouxe-mouxe, com a prata da casa, quanto a arquitectos. Como obra prima, a Avenida da Liberdade só tem horizonte largo para avenidas e construções. Já não foi mau. No entanto, no ano que Rosa Araujo começou cortando o Passeio Publico já o país tinha caminhos de ferro que lhe carreaavam de longe civilizações e ideias. Como obra, harmonia arquitectonica, a Avenida ficou um monstro. Há predios altos e predios baixos, frontarias de cartaz de estilo trombudo e arremedos vagos da Torre de Belem e dos Jeronimos. Tudo desigual, falhado, incolor.

Ficaram os bairros pobres, a Mouraria e a Alfama dedalados de vielas e alfurjas, escadinhas do Quebra-Costas e ruas do Cataque-Farás. Mas têm beleza em seus candieiros chumbados nos cunhais, janelas que sobresaem, gelosias onde a fasquia verde se entrelaça e, ainda seus nichos, com rosaceas e azulejos. Lá no alto, a coifar os predios, mansardas a olhar o Tejo.

Historicamente suja, Lisboa, façam-lhe o que quizerem, metam-lhe metropolitano ou não, linhas aereas, pontes a ligar seus sete outeiros, precisará sempre de paisagem.

E' uma cidade de paisagem, porque só tem côr. Grandes parques; deixem verdejar as colinas do Monte e da Penha de França; que haja sombras frescas de arvores, no Eduardo VII. Lisboa é a cidade bonita de branco vivo, de turquesa, no rio, de tenro verde em todas as suas arvores.

Um país de paisagem, com Cintras e Bussacos, necessita ter uma capital que seja viva de luz, ainda que as suas pedras sejam morenas. Nada de civilizações americanas, com grandes besouradas de maquinas electricas transpondo pontes, como queria Fialho, nada de aços ogivados em arcos que viriam prejudicar o horizonte e fazer de Lisboa uma cidade nova, sem duvida, mas banal, como uma cosmopolis americana, talhada em tijolo e erguida em ferro.

* * *

A Camara Municipal... Tem-se dito muito mal dela. Merece-o. O Rocio... Os mercados, a celebre Avenida da India, os tapumes que cortam a vista do Tejo, e tantissimas outras coisas serviam-nos, se quizessemos, para lhe bater, porque estamos escrevendo e quem escreve quasi sempre bate.

Mas querem vocês saber o grande mal do nosso municipio? Vão-se rir, encolher os ombros, rodar o castão da bengala entre os dedos. O grande mal é ser autonoma.

Antes da revolução de 10, todas as suas deliberações iam á palmatoria do ministro do reino ou da fazenda... não sei bem qual. Que se lembrem os antigos, que eu sou novo e isto já não é do meu tempo. Antes do 10, a camara resolvia, aprovava ou não qualquer proposta de melhoramentos da cidade que lhe aparecesse porque, em ultima instancia, o tal ministro do reino ou da fazenda resolvia. Se o publico reclamava porque a proposta era má, as culpas atribuiam-se ao ministro; senão, não e a camara tinha laureis de gloria, enramilhetando o Frontão.

* * *

Tudo isto vem a proposito dum projecto duma construção para o Mercado 24 de Julho, apresentado pelo sr. Pedrosa. Aqui é que está a noticia. O mais são apontamentos dum homem á margem dos livros.

Mas vamos á proposta do sr. Pedrosa. Não deve ir por deante. Ultimamente têm aparecido á Camara inumeras propostas, propostas fortes de estrangeiros para remodelar Lisboa de alto a baixo. Já lá tem uma sobre o metropolitano. Ha quinze dias apareceu-lhe outra mais importante. E' um tal Clerck, francês de origem, que pretende construir os Mercados 24 de Julho e da Estefania e ainda por cima matadouros com frigorificos e concluir o Parque Eduardo VII.

Mas a Camara desconfia destas propostas grossas, desde que a Carris anda por Lisboa, como por cidade conquistada definitivamente além dos anos do monopolio. O Clerck empresta á Camara 24 mil francos; esta, emite papel no valor do emprestimo e paga as obras feitas. Como? Com o papel emitido.

A Camara estuda a proposta com os seus oculos desconfiados. Todos os vereadores usam oculos. Encolhe os ombros, não vá a proposta ter *dessous*. Ah! Esquecia-me já. O tal Clerck terá direitos de opção sobre determinados terrenos. Um deles seria o do matadouro actual que, no entanto, deve ser pelo caso a proposta vingue, em almoeda publica.

A Camara ficaria com o rendimento dos matadouros, não se sabendo ainda se tambem com o dos mercados e o do parque Eduardo XII. O leitor leu? Leu. Mais um projecto curioso, dirá. O que é preciso, porque eu o leitor concordamos, é fazer qualquer coisa em Lisboa, sem lhe modificar a boa arquitectura, nem por teias de aranhas de ferro, como pontes aereas. O mais está bem.

O "orfeon" academico

Chega ámanhã a Lisboa o «orfeon» academico de Coimbra, sob a regencia do sr. dr. Elias, que dará dois saraus, sendo o primeiro, ámanhã á noite, em S. Carlos, e o segundo no Coliseu dos Recreios.

O celebre telegrama

Fei comunicado ao Alto Comissario em Angola o conteudo do telegrama publicado nos jornais e que deu origem a varios comentarios, chegando o assunto a ser tratado no Parlamento.

MATERIAL ELECTRICO
Aos preços mais vantajosos do mercado
TUBO BERGMANN, de ferro e de latão, 9 e 11 mm.
FIO VULCANISADO, de 0,75—1—1,5—2,5—4 e 6 sqmm.
CABO VULCANISADO, de 50 sqmm.
TODO O MATERIAL para Instalações Electricas
RAUL VIEIRA, L.DA — R. da Prata, 51 Telefones 3586 e 2194 C.

Os Teatros

Festa de Madame Mantelli

Realiza-se ámanhã, no Politeama, em «matinée, a festa artistica de Madame Eugenia Mantelli, ilustre artista e reputadissima professora de canto, com o valioso concurso dos seus discipulos, que são muitos e dos mais distintos. A primeira parte do programa, constituida por trechos de Donizetti, Puccini, Tomaz, Tosti, Bach, Verdi e Massenet, será executado por Paulo Amorim, D. Lucia Piedade, Manoel Mergulhão, D. Albertina Ferreira da Costa, Antonio Magalhães de Barros, D. Guiomar Cunha, Jorge Macieira. D. Herminia Pereira Tavares, D. Lucia Cantarino e D. Angela Corsega. Na 2.ª e 3.ª partes serão executados um acto da opera «Zanetto», de Pietro Mascagni, e o 3.º acto do «Rigoletto», de G. Verdi.

A peça "O Condenado", no Nacional

O teatro Nacional vai fazer «reprise», na proxima quarta-feira, da peça original de Afonso Gayo «O Condenado», representada naquele teatro, com grande exito a primeira vez em 1916. A distribuição é a seguinte:

«José do Monte» (Lendia), Clemente Pinto; «Tadeu», Joaquim Costa; «Ricardo», Jorge Grave; o «Juis», Augusto de Melo; «D. Antonio de Souto», Luís Leitão; «Pedro», Teixeira Soares; «Francisco» Antonio do Nascimento; «Maria do Rosario», Irene Grave; «Quiteria», Palmira Torres; «Mafalda», Laura Hirsch; «Josefa», Ana de Oliveira; «Izabel», Maria Helena; «Joaquina», Maria do Pilar. Os scenarios são de Manini e José Mergulhão e a acção passa-se nos arredores de Leiria.

Atrás do reposteiro

Para reaparição da actriz Palmira Bastos vai entrar em ensaios no Politeama a peça «La Rivale», de Kistemaeckers e Delaial, tradução de D. José Paulo da Camara, representada na Comedia em 1907.

—O empresario José Loureiro foi vitima, no Rio de Janeiro, de uma burla na importancia de 80 contos de réis brasileiros, tendo o intermediario, que andou no caso de boa fé, tentado suicidar-se com um tiro num ouvido.

—No desafio de «foot-ball», entre actores, tomam tambem parte, além de Chico Redondo e Nascimento Fernandes, Vasco Sant'Ana, Vital dos Santos, José Moraes, Santos Carvalho, etc. Auxiliam os jogadores Antonio Couto e Cosme Damião.

—A gentil actriz do Avenida Lusitana Saial perdeu ontem, desde o Rocio á Graça, uma malinha com joias, algum dinheiro e papeis de importancia.

—O actor Carlos Abreu, da companhia Cremilda-Chaby, interpretará na «Minha mulher noiva de outro» o papel criado por Augusto Rosa.

—A Academia de Amadores de Musica realiza na proxima quarta-feira o seu 163.º concerto, na sua séde, á rua Antonio Maria Cardoso, figurando no programa produções de Gounod, Sarti, Padre Martini, D. Popper, Ponchielli, Rubinstein, Mercadante, Freitas Branco e Lamas.

—A sr.ª D. Branca de Gonta Colaço reune ámanhã, em sua casa, numa pequena festa, os interpretes da sua peça «Auto dos faroleiros».

—No Nacional faz-se ámanhã «reprise» da comedia «Carta anonima», que vai á scena acompanhada pelo original de Carlos Selvagem «Cavalgada nas nuvens. No mesmo teatro vai «reprisar-se» o «Centenario».

—Na festa da gentil actriz Sarah Cunha, que brevemente se realiza no Politeama, sobe á scena a peça «Os lobos» e haverá um acto de variedades em que entram, além de outros artistas, Amelia Rey Colaço e Angela Pinto.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — A's 21 — «Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das nuvens».
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — A's 21,30 — «Azas Quebradas».
Avenida — A's 21,15 — «A maluquinha de Arroyos».
Apolo — Ás 21 — «Belo Sexo».
Chiado Terrasse — Á's 20,30 e 22,30 — «Tiro ao Alvo».
Eden-Teatro — A's 21 — Companhia espanhola de zarzuela.
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30 — «Piparote».
Coliseu dos Recreios — Animatografo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — Ás 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

O ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS

e as festas do seu aniversario

Já decorreram 25 anos que abriu as suas portas á infancia abandonada o Albergue das Crianças, o qual, apesar das maiores dificuldades porque tem passado o nosso país, não deixou até agora de se manter e continuar a acudir aos que, em harmonia com o seu regulamento, precisam dos seus serviços.

As bodas de prata que o Albergue vai festejar ámanhã e nos domingos seguintes constarão de quermesse, tombolas, concertos musicais e récitas no seu elegante teatrinho.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

REPLICANDO

PIERAT E LAPARCERIE CONTINUAM NA ORDEM DO DIA...

O sr. dr. Ricardo Jorge responde a Sarmento Duque

Sr. Sarmento Duque — Da publicação da minha carta no *Diario de Lisboa*, surgiu para mim o praser de ler a de v., em que ha atitudes que agradeço desvanecidamente:

E porque se não trata de polemicas, visto que ambos somos avessos a elas e o assunto não tem monta para tanto, permita-me ainda um esclarecimento, este, sim, destinado á publicidade em que me vejo envolvido e que tão entranhadamente detesto.

Na minha carta, que v. comenta com um espirito inteligente que me captivou, eu não emiti juizos de arte. Deus me livre de tal! Nem sequer corri em defesa do teatro São Luís, como v. supõe, pois que ele se limitou a abrir amavelmente as suas portas a uma companhia francesa,—velha cortezia de 30 anos. Apenas, como dever de lealdade para com Jacques Richepin, o dramaturgo director do teatro da *Renaissance*, corrigi afirmações menos verdadeiras, contrapondo-lhe factos.

Assim, dizia-se na entrevista em questão: «O resto, comediantes de setima classe, que nunca pisaram os palcos de Paris... não devia ser permitido que de Paris saissem semelhantes «tournées».

E mais abaixo:

«Sei até que nenhum diplomata da legação de França assistiu a qualquer espectaculo da «tournée» Cora Laparcerie».

Que disse eu na minha carta?

Que, se o juizo do sr. visconde X era aceitavel para a companhia da grande Pierat—verdadeiro ludibrio de Lugnè Poë, velho mestre destas artes—não podia ser aplicado á tournée Laparcerie, porque esta veiu a Portugal com os seus contratados de Paris, representando o seu reportorio deste inverno por quasi todos os proprios criadores. Ha pois que fazer uma rectificação na entrevista.

Afirma-se que a tournée Laparcerie veiu cometer a Portugal um *crime contra a arte nacional* francesa; a minha afirmação exige apenas que se diga que esse nefando atentado se não efectuou em terras nossas, mas sim diariamente, durante dois anos, no teatro do Boulevard Saint Martin, sob o conhecido patronaio do academico Jean Richepin, que adora e aconselha os filhos, nas barbas do ministro das Belas Artes e com a cumplicidade do publico de Paris, que deu este ano aos empresarios um lucro liquido de 600.000 francos.

A segunda frase que desmenti foi a de que nenhum diplomata francês assistira a qualquer espectaculo. Limitei-me a dizer que vi no São Luis o sr. ministro de França e que lhe ouvi no palco, onde foi *sponte sua*, felicitar Cora e Richepin em termos da maior lisonja.

Demonstra-se pois por a ⋈ b que o nobre compatriota de Richepin afirmou de papo coisas graves a que ha o habito desrespeitoso de chamar falsas e que, no melhor juizo para as suas intenções, levianamente aceitára a qualquer «ouvi-dizer». E' afinal daquelas pessoas a que nos tribunais se chama testemunha sem qualidade; não chega a ser um elemento de prova.

E nada mais.

Quanto ao exito que uma «tournée» portuguesa colheria em Paris, abundo com toda a amplidão nas ideias de v.; estou mesmo disposto a prestar todo o meu ápoio a tal empreendimento se os interessados quizerem pensar no assunto dois dias a serio. Cardos, meu senhor, só em uso externo; para rimas do nome: são cardos poeticos.

E agora terminemos esta conversa, não lhe parece? Poderemos começar outra qualquer mais interessante na ocasião em que me quizer dar o prazer de lhe apertar a mão.—De v, etc. *Ricardo Jorge.*

Pois fiquemos por aqui, sr. dr. Ricardo Jorge. Terei, como v. ex.ª, o maior prazer em lhe apertar a mão e em trocar consigo sobre o assunto impressões que não venham ao soalheiro da publicidade.

Permita-me apenas que rectifique uma transcripção da minha entrevista, inserta nesta carta, transcripção que está errada.

Eu escrevi: «O resto, comediantes de setima classe que nunca pizaram os **principais** palcos de Paris.

O principal faz sempre muita falta e neste caso é absolutamente indispensavel no plural... Para mim e para o dr. Ricardo Jorge, a quem desejava conhecer pessoalmente.—S. D.

DE LUTO

José Madeira

Faleceu hoje a esposa do sr. José Madeira, funcionario do ministerio da Instrução, realizando-se o funeral amanhã, pelas 15 horas, da rua da Fabrica da Polvora, 80, para o cemiterio da Ajuda.

AO ROMPER A MADRUGADA...

OS T. M. E.

Arderam, por completo, os seus armazens gerais ficando damnificada a ponte do vapor "Machico"

Esta manhã devia começar uma rigorosa sindicancia?

Meio-dia. Em frente á Rocha do Conde de Obidos ha umas cancelas do caminho de ferro, que se encontram cerradas. Vai passar o comboio de Cascais.

Um grupo de senhoras, uma ainda na primavera da vida, outras já idosas, murmuram, lamentam-se:

—O que vai ser de nós? Que grande desgraça!...

Uma mulher da linha observa:

—Olha aquela! Está a chorar...

Trata-se duma senhora de perto de cincoenta anos, trajando de negro. Pelo rosto caem-lhe abundantes lagrimas:

—Se lhe parece! Ficar sem pão...

Atravessamos a via. Um rapazote dum barco indica-nos:

—Foi ali o fogo. Eu vou para lá.

Seguimo-lo. Os destroços, ainda fumegantes, estão guardados por soldados da G. N. R., sob o comando dum sargento.

Onde se erguiam os armazens gerais e as oficinas dos Transportes Maritimos do Estado, ha apenas um montão de ruinas. Botes, vigas de ferro, entulho...

—Daqui só se aproveita alguma coisa para a sucata...

Os bombeiros trabalham no rescaldo. Do lado de terra, ha uma auto-bomba, a n.º 1, do quartel do mesmo numero. Com ela estão trabalhando os bombeiros municipais Mario Lourenço Pereira, n.º 230, e José Luiz Escumalha, o 167. A' esquerda um vaporsito opéra com uma mangueira.

O «Machico», que estava atracado, ficou com a ponte bastante danificada, sendo rebocado para fóra da acção das chamas. Começado o rescaldo, voltou á posição anterior.

Vamos colhendo pormenores:

—O fogo começou ás 5 horas da manhã. Parece que ás 6 estava para ter inicio a sindicancia...

E bordam-se comentarios:

—Dos Transportes Maritimos não fica uma unica coisa... Arde tudo. Vão ver...

Dado o alarme, a auto-bomba n.º 1 procurou debelar o fogo que já nessa altura atingia todas as oficinas e depositos dos Transportes.

—Alem das 70 senhoras que aqui trabalhavam, havia numerosos empregados, talvez á roda de duzentos.

—Por onde começou o fogo?

—Por aqui—apontando-nos o centro dos armazens—. Havia desperdicios, gazolina...

—Têm a impressão de que tivesse havido crime?

—Pode ser que não... Não sabemos... E' de muita responsabilidade formular hipoteses... A sindicancia...

Vê-se que ha o horror dás responsabilidades, embora exista uma opinião já formada...

Interrogamos os bombeiros:

—Quem dirigiu os serviços de extinção do incendio?

—O comandante interino João Baptista Ribeiro, com o auxilio do chefe Antonio Alves, ajudante interino, e do chefe de divisão interino Marcelino José Alcantara.

—Por onde conseguiram chegar aqui?

—Tivemos que ir atravessar a Alcantara. Depois viemos pela borda do rio, colocando-nos entre os armazens e o *Machico*. Em breve, porém, nos vimos obrigados a desistir. Se não nos retiramos tão depressa para este lado, a auto-bomba explodia, com o calor, e nós ficavamos ali.

—Ficou alguem ferido?

—Sim. Os bombeiros 57, 39 e 110, nas mãos e o 115 no sobr'olho direito devido a uma derrocada.

Os bombeiros continuam na sua faina. As mangueiras enchem o chão de rêpuxos... Coitadinhas, estão a pedir reforma...

Os prejuizos são avultadissimos. Fala-se em 3.000 contos.

—Quando calculam que termine o rescaldo?

—Amanhã por esta hora.

* * *

O ataque foi feito com 17 agulhetas, sendo 3 dos vapores «Setubal», «Figueira da Foz» e «Cisne», da E. P. L., sendo as restantes dos bombeiros municipais.

A guarda dos barracões, durante a noite, estava confiada a 6 praças da direcção de reformados, sob o comando do sargento Manuel Latada. Este serviço era só feito exteriormente.

O fiel do armazem, João Adriano, saíra ontem do armazem ás 17,5, não tendo notado qualquer coisa de anormal.

O barracão encontrava-se rodeado de mil e uma coisas, o que dificultou bastante o serviço dos bombeiros.

QUESTÕES GRAVES

O PROBLEMA DE MACAU NÃO ESTÁ AINDA SOLUCIONADO

O capitão Lelo Portela fala ao "Diario de Lisboa"

No *bufête* do Parlamento. Os comentarios aos incidentes de Macau aquecem, emquanto se bebe cerveja gelada. Há quem afirme, pedindo mais gêlo, que o caso está arrumado.

O sr. Lelo Portela, deputado e capitão-aviador dos mais heroicos, contradita.

Pois é justamento a contradita que consegue fóros de interessar o jornalista.

Fala o sr. Lelo Portela:

—Os tumultos ocorridos presentemente em Macau são uma consequencia dos que se registaram quando era chefe do governo o dr. Antonio Granjo. E não serão os ultimos, se persistirmos em pôr de banda o espirito das negociações diplomaticas nesse tempo encetadas.

—E que consistiam?...

—Em conseguir o apoio da Inglaterra que, de resto, deve ter tanto interesse como nós em manter a ordem naquelas paragens. Não sei se sabe que quando se deu o facto da canhoneira chinesa invadir as nossas aguas se preparava secretamente em Portugal uma expedição a Macau. Deviam seguir o *Carvalho Araujo*, o *Republica* e um navio dos T. M. E. que conduziria os viveres para os expedicionarios. Guardou-se o mais perfeito sigilo sobre a organização dessa expedição. Pois quere ouvir o que sucedeu?

—Com a maior curiosidade!

—Passados dois dias tudo se sabia na China! Os jornais chineses publicaram em «en-têtes» de grosso normando que Portugal, emquanto os estava entretendo com negociações diplomaticas, se preparava militarmente para os ir atacar! Seria interessante e talvez não impossivel descobrir a pessoa que tão dedicadamente preveniu os chineses das nossas intenções.

—Que não foram por diante...

—Se até houve uma gazeta de Lisboa que acusou Antonio Granjo de mandar os dois vasos de guerra a Macau para aniquilar e desarmar a marinha! Afinal, contentamo-nos com as explicações do governo de Pekim que de nada valeram. O governo de Cantão, o unico que tem responsabilidades de todos os disturbios produzidos em Macau e que guerreia o de Pekim, não deu explicações algumas e continuou e continuará, porque isso lhe convem, a fomentar a desordem naquela nossa possessão.

—A seu vêr...

—Trata-se de manobras habilidosas da Alemanha e da propria Russia que de todos os meios lançam mão para perturbar os dominios coloniais dos aliados. A agitação de agora é mais grave do que a outra por ser de caracter interno. Por mim não acredito em que Macau se pacifique com duas simples cantigas. O governo deve atribuir a maior importancia ao caso e sobretudo livrar-se de seguir caminho errado. Pensem maduramente nele os srs. diplomatas e talvez acabem por me dar razão. Oxalá que ainda o façam a tempo...

O MINISTRO DO TRABALHO

visitou hoje o Asilo D. Maria Pia

O ministro do Trabalho, sr. Vasco Borges, visitou hoje, inesperadamente, o Asilo D. Maria Pia.

Sabemos que o sr. Vasco Borges ficou muito mal impressionado pelo estado vergonhoso em que encontrou o Asilo, onde não ha a menor sombra de asseio nem de ordem.

Rusga geral

5 prisões e 4 navalhas apreendidas

Na rusga que a policia de investigação procedeu de madrugada em toda a cidade, apenas se manteve a prisão de 5 individuos, sendo quatro por suspeita de vadiagem e um por ser portador de arma proibida, sendo apreendidas quatro navalhas.

As prisões

Foram hoje interrogados 2 oficiais

Estiveram hoje no tribunal militar de Santa Clara a prestar declarações o major Cortez dos Santos e tenente Mergulhão, que se encontram presos no presidio da Trafaria, acusados de estarem implicados nos acontecimentos de 19 de outubro.

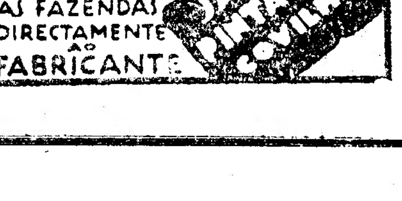
GAZOZAS DE FRUTAS

Efervescencia e aroma garantidos

REFRESCO AGRADAVEL E ESTOMACAL DE LIMÃO, BANANA, ANANAZ E TANGERINA

Pedidos a RAUL VIEIRA, L.DA

RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 e 2194 C.



LANIFICIOS

PREÇOS DE FABRICA

JAIME PINTASILGO

COVILHÃ

Pede aos Ex.[mos] Clientes e Amigos de Lisboa o favor de visitarem o escritorio dos seus

AGENTES

SERRA, NEVES & ESTEVÉS

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 140, 2.º

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

ARMADURAS ESTANQUE PARA ILUMINAÇÃO PUBLICA

KÖRTING & MATHIESEN A. G.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA

CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: Bronquite, doenças do coração, flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

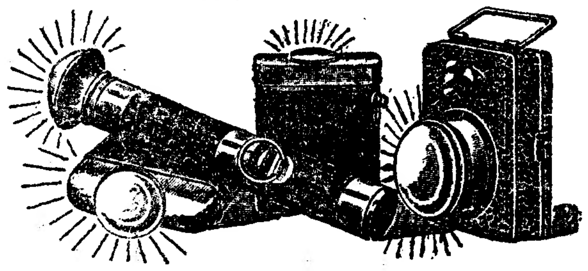
TELEFONE C. 4119

VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º

RUA DA COSTA 8, LISBOA

ELECTRICIDADE PORTATIL



CASA TRIUNFO

Rua Augusta, 72 e 74

LISBOA

Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA

INSPECÇÃO DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

ARREMATAÇÃO DE PASTAGENS

2.ª PRAÇA

Faz-se publico que no dia 17 de Junho de 1922, pelas 14 horas, na sede desta Inspecção, em Caxias, se procederá á arrematação em hasta publica para o arrendamento pelo praso de três anos a começar em 1 de Janeiro de 1923 e terminando em 31 de Dezembro de 1925, da erva e pastagens do lote n.º 16 da estrada Militar desde o Casal arruinado até ao Regueirão do Boco. A base da licitação é 152$00. Os concorrentes deverão apresentar fiador idoneo. As demais condições estão patentes em todos os dias uteis, das 11 ás 17 na secretaria desta Inspecção, onde tambem se prestam os esclarecimentos necessarios.

Caxias, 3 de Junho de 1922.

O SECRETARIO

a) José Antão Nogueira

TENENTE

Uma chavena de cacau da

S. I. C.

equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!

Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Pó para limpar prata

ORION

O "Diario de Lisboa„ no Brasil

O nosso correspondente e rapresentante no Rio de Janeiro e S. Paulo é o sr. Domingos José Cardoso, com escritorio na primeira destas cidades, na rua das Andradas, 40, para onde todos os nossos amigos, colaboradores, anunciantes e assinantes do Brasil podem enviar as suas ordens.

Este nosso representante possue um serviço completo de informações sobre preços de publicidade, assinaturas e tudo que diz respeito ao «Diario de Lisboa»

DFS

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO

DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

OS "SOVIETS" E A PAZ EUROPEIA

MR. POINCARÉ E A CONFERENCIA DE HAIA

O governo francês

ainda não resolveu se tomará ou não parte na proxima reunião

PARIS, 3

Poincaré enviou um «memorandum» a todos os governos que foram convidados para tomar parte na conferencia de Haia, expondo as condições que a França julga indispensaveis para assegurar o exito da nova conferencia, sobre os russos. O «memorandum» recorda os principios juridicos, universalmente aceites, como base indispensavel a todas as negociações com os «soviets» e conclue mostrando que, além das negociações tecnicas entre os peritos, a nova conferencia parece votada a um malogro em consequencia do metodo diplomatico seguido pelos «soviets». O governo francês resolverá ulteriormente se julga oportuno ir ou não ir á conferencia de Haia.—(H.)

Novas da America do Norte

Um donativo importante

NEW-YORK, 2

O milionario George Fisher, um dos primeiros banqueiros americanos, ofereceu um milhão de dolares ao museu de Arte Metropolitana.—(L. A.)

A viagem de Harding

WASHINGTON, 2

O presidente Harding aceitou o convite que lhe fez o embaixador britanico de visitar a Columbia inglesa na sua projectada viagem a Alaska.—(L. A.)

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:

Rua 1.º de Dezembro

NÃO ESQUECER!!...

Os fatos em Paletot e Jaquetão, Fardamentos, Calças, Coletes de Fantasia, Casacos de alpaca. Sobretudos e outros agasalhos que ha feitos e se executam por medida na

CASA DAS TESOURAS

51, 51-A, R. E. Politecnica, 53, 55

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses............	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

REPARAÇÕES! REPARAÇÕES!

A FRANÇA QUERE A EXECUÇÃO DO TRATADO DE VERSAILLES

LLOYD GEORGE E POINCARÉ

e os seus ultimos discursos

Quasi ao mesmo tempo, os presidentes do governo francês e inglês levantaram-se nas camaras para expôrem o seu ponto de vista, que é o das proprias nações, sobre o grande problema das reparações.

Ainda que ambos conhecessem perfeitamente o pensamento do outro, nenhum conhecia ainda as palavras que o outro pronunciara. Assim, os seus discursos aparecem-nos como um aviso reciproco, como ignorando completamente um o que o outro quere.

E' preciso ter em conta que poucas vezes na historia dos governos representativos se verificou uma tão grande unanimidade da nação com os governos. Lloyd George na politica internacional encarna a vontade da Inglaterra; e se Poincaré encontra uma certa oposição nas extremas esquerdas, a sua acção não é menos apoiada pelo ardor de todos os partidos e da França em massa.

Os numeros dizem bem a situação dos dois presidentes de governo: a moção de confiança a Lloyd George foi aprovada por 235 votos contra 26, a de Poincaré por 484 contra 100.

Posto isto, compreende-se bem a gravidade com que é preciso encarar as palavras destes homens: não representam uma direcção pessoal, mas a propria vontade das nações respectivas.

Assim, no caso de ser impossivel encontrar uma plataforma conciliadora, os dois países retomarão a sua liberdade, a Entente desfazer-se-ha, e uma situação completamente nova será creada á Europa.

* * *

Já é conhecido o discurso de Poincaré. E' a mesma afirmação de sempre: não abandonamos os direitos que nos conferem os tratados. A Alemanha só compreende a fôrça; será com a fôrça que a obrigaremos a dar-nos o que é devido. Temos o direito por nós, devemos portanto pôr em pratica o que ele nos confere. Se fôr preciso ficarmos sós para o fazermos valer, ficaremos sós, mas ficaremos com o direito.

Em suma, é a repetição do que Poincaré tem dito em todas as circunstancias. Ha anos que terminou a guerra; não houve ainda facto ou argumento, nem o agravo contínuo da situação europeia, nem as mais sensatas e profundas reflexões dos mais categorisados economistas que o fizessem mudar de atitude.

* * *

Por seu turno Lloyd George não disse nada de novo. Todos sabem que a Inglaterra não está disposta a coadjuvar a França numa aplicação de força, que ela considera uma injusta violencia. Mas no seu discurso tocou em importantissimos casos, que é necessario frizar:

* * *

Relembra em primeiro logar a sua resposta dada já a Elynes em 1918. A Alemanha, ainda que responsavel moralmente pelo pagamento da totalidade dos despesas de guerra e dos prejuizos causados por ela durante a guerra, não podia ser obrigada a paga-los senão pelos «seus meios», expressão que o governo alemão não deve nunca interpretar como susceptivel de lhe dar falsas esperanças.

* * *

Sobre dividas de guerra e reparações devidas pela Alemanha, Lloyd George diz que se não pode exigir á Inglaterra que abandone o que esta lhe deve, sem se encarar ao mesmo tempo a regularização das dividas internacionais, mas a Inglaterra está disposta a entrar em qualquer discussão para tratar deste assunto, e reconhece a grande vantagem que haveria em tal.

Em seguida, o ministro britanico fala do procedimento do actual governo alemão, o qual tem procedido com a maior lealdade e boa vontade, provada ainda agora na ultima troca de notas com a comissão de reparações.

«O facto de a Alemanha ter muitas das suas cidades ocupadas por um exercito estrangeiro, de ter de submeter-se até certo ponto a restrições pela fiscalisação das suas finanças e de ter de aceitar o desmembramento da nação, torna necessaria uma coragem imensa da parte de todos os governos alemães para fazer face aos proprios alemães que se opõem a tudo isto. O governo actual da Alemanha fez tudo quanto podia fazer para cumprir o Tratado, e creio que o faz com a maior sinceridade, no proprio interesse da Alemanha.»

«Uma politica de não aplicação do Tratado seria desastrosa para a Alemanha. Não se trata de uma acção isolada da França no caso de violação do Tratado de Versailles. Assinámos o Tratado. Ha nele clausulas que permitem conceder á Alemanha modificações e diminuições de encargos, quando a sua situação lhe não permitir pagar o total prescrito; mas se lá houver um governo que recuse aplicar estas clausulas, não será a França a unica a impôr-lhas».

«A nossa politica tem sido, e é a da moderação. No entanto mantemos a politica de aplicação estrita do tratado de Versailles, da maneira razoavel como o interpretamos, e que é na minha opinião o verdadeiro espirito do proprio tratado.»

«Tal é a nossa politica. Espero que não será preciso recomeçar a discussão para tomarmos conhecimento dos efeitos duma acção isolada. Estou de acordo em dizer que toda a acção isolada da parte de qualquer aliado seria desastrosa para a «entente».»

Segunda-feira comentaremos estes importantes palavras de Lloyd George comparando-as com as de Poincaré, em face da situação da Europa, do espirito que presidiu á elaboração do tratado e da propria letra deste, se não surgir qualquer acontecimento que obrigue a comentario.

Telefone C. 3033 — **SOUZA, MOURA & C.ª, L.da** — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

A ULTIMA NOTICIA DE GENOVA

UM PRESENTE DO DELEGADO TCHITCHERINE

Ao deixar a cidade

o conhecido bolchevista oferece uma cigarreira ao chefe da policia

GENOVA, 3

Antes de deixar a Italia, Tchitcherine ofereceu ao chefe de policia que guardou os delegados russos durante a sua estada nesta cidade uma cigarreira de ouro cravejada de rubis e tendo gravado o emblema dos «soviets».—(L. A.)

A REVOLUÇÃO NO PARAGUAY

As tropas do governo resistem aos revolucionarios

ASSUNÇÃO, 3

A demissão do presidente Ayala provocou acontecimentos gravissimos, pelo que foi decretado o estado de sitio. As tropas revolucionarias marcharam contra o governo que resistiu com os elementos de que poude dispôr travando-se travado combates de que resultaram ferimentos de parte a parte. Mais tarde as fôrças governamentais conseguiram repelir os sediciosos, que se refugiaram em Chaco, Argentina. O governo recusou a mediação do corpo diplomatico para pôr termo ao conflito, convencido como está de que facilmente dominará o movimento.—(A).

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸
(Topico oxygenado)

CURA:
FERIDAS—ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

Estoril-Termas

Abertura em 1 de Junho de 1922

Agua termal, cloretada sodica, sulfatada e bicarbonatada calcica, etc.

Bastante radio-activa

Banhos de imersão, duches, duches debaixo de agua, inalações, pulverisações, irrigações, etc.

Banhos de bolhas dar, lamas radio-activas. Tratamentos pela luz, calor, maçagem e electricidade. Mecanoterapia.

Kinesiterapia-Esgrima

Tratamento de reumatismo cronico, da gôta, da nevralgia sciatica; doenças de senhoras, do linfatismo, doenças da pele, das doenças do aparêlho gastro-intestinal, das fossas nasais e da laringe, perturbações cardio-vasculares, etc,

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TERCEIRA SESSÃO

No Congresso Ferroviario protesta-se contra o paleio

Uma grande confusão na sala

Na Sociedade de Geografia continuou hoje o congresso ferroviario.

A sessão abriu ás 12 horas, para continuação dos trabalhos interrompidos, pelo adiantado da hora, na sessão anterior.

* * *

Todos reconhecem que as palavras já são até demais. Por isso, o sr. Entrudo Junior envia para a mesa uma questão previa, para nenhum orador poder usar da palavra durante mais de 10 minutos.

Mas o portuguesinho pela-se por palrar... O sr. Fragoso Amado reprova a questão previa, Quere mais 5 minutos por cabeça.

E não é só o sr. Fragoso. Tambem os srs. Jaime Neves, Manuel Rijo e outros discordam da questão previa que no entanto é aprovada.

* * *

Entra-se na discussão do projecto dos estatutos da Federação dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro Portugal e Colonias, falando os srs. Entrudo Junior; Miguel Correia, Jaime Neves, Fragoso Amado, Antonio José Pilóto e outros.

Trava-se grande discussão sobre o n.º 2 do artigo 2 onde se consigna a defesa dos interesses da classe ferroviaria em especial «e do proletariado em geral».

Vozes: — «Não somos obrigados a ser sindicalistas!»

Há grande confusão.

Vozes: — Ordem! Ordem!

O tumulto aumenta.

* * *

Os congressistas dividem-se em duas correntes. A redacção do artigo é aprovada por 51 e reprovada por 2[illegible].

* * *

O sr. Fragoso Amado nunca está quieto nem calado. Pede a palavra de 5 em 5 minutos. Até parece o sr. Carvalho da Silva em S. Bento...

* * *

O sr. Antonio José Pilóto defende a acção da Federação junto do operariado em geral (Apoiados). O orador:

— Camaradas! São-me indiferentes os apoiados ou os não apoiados!

O sr. Fragoso Amado:

— Está fóra da ordem!

Vozes:

— Fóra da ordem está você!... (Risos).

A sessão continua.

* * *

A proposito da nossa reportagem, da sessão de ontem, recebemos do sr. Miguel Correia uma carta onde afirma que não defendeu calorosamente a saudação proposta ao Chefe do Estado, discordando dela. Simplesmente tentou congraçar os congressistas, em virtude da questão aberta por essa proposta.

O bombista Manuel Ramos vai ser novamente julgado

Desceram ontem, de o Tribunal da Relação á primeira instancia, os autos contra o bombista Manuel Ramos que já fôra julgado no Tribunal de Defesa Social e que, no 1.º distrito, fôra condenado a pena maior por ter assassinado o guarda Costa.

O seu advogado, sr. dr. Mario Monteiro, apelou da sentença e a Relação, em face das razões expostas anulou, em acordão, o julgamento feito.

DOIDA POR AMOR

Rectificando a declaração ontem feita, devemos acrescentar que foi a sr.ª D. Albertina Helena Pessoa de Amorim, dactilografa do Instituto de Seguros Sociais, e não a sr.ª D. Maria Albertina Pessoa de Amorim, dactilografa da Direcção Geral do Trabalho, quem forneceu os dados, de que resultou a entrevista publicada no *Diario de Lisboa* de ante-ontem.

LEI DO INQUILINATO

CONSULTAS, depositos, notificações, acções de despejo, acôrdo entre SENHORIOS e INQUILINOS, e todos os assuntos de advocacia com seriedade, rapidez e economia. R. GARRETT, 80, 2.º (Chiado).

UMA ENTREVISTA MONOSILABICA

MOÇAMBIQUE

O SR. DR. ALVARO DE CASTRO NÃO IRÁ A LOURENÇO MARQUES

O ministro das colonias sr. Rodrigues Gaspar que conferenciou hoje com o chefe do governo diz algumas palavras ao "Diario de Lisboa"

O sr. ministro das Colonias é um ministro monosilabico. Diz sim e diz não. Tirante isto, nada mais. Hão-de concordar que é pouco, demais quando se trata dum assunto como este de Moçambique, para o qual o procurámos.

Sei, por exemplo, que, depois do conselho de ministros de hoje, o sr. dr. Rodrigues Gaspar conversou largamente com o sr. Antonio Maria da Silva. Posso precisar a hora a que a conferencia acabou: 14 e 5. A entrevista foi interessante e preocupou vivamente o chefe do governo, porque este, a certa altura, para esclarecer ideias e aduzir argumentos, mandou comprar dois maços de cigarros *Crême*. Ora aqui está uma marca de tabaco que fica para a historia do governo.

Tudo isto são coisas lindas, mas o que o publico quere, para não ficar defraudado na leitura do jornal, é a entrevista, a entrevista *sim, não*.

Antes, porque se o leitor tem os seus direitos, eu tambem os tenho como jornalista, dir-vos-hei que o sr. Rodrigues Gaspar usa oculos, tem um chapeu largo, á explorador africano, como compete a um ministro das colonias, e uma voz acre que não faria, certamente, a gloria de qualquer aula de canto.

— Ha mais telegramas, sr. ministro?

Isto na Arcada, porque o correio não viu passar o sr. Rodrigues Gaspar e só agora lhe oferece o automovel.

— Não!

Sempre a direito, sem nos olhar. Olhos caídos sobre a lage.

— E' verdade que o sr. dr. Alvaro de Castro vai a Moçambique conferenciar com o sr. Brito Camacho, como os jornais desta manhã registaram?

— Não!

— E' verdade que v. ex.ª conferenciou com o sr. Antonio Maria da Silva sobre Moçambique?

—Não!

Aqui é que o sr. ministro se abre um pouco, entre o meu espanto e o dos transeuntes:

—Não! Doutras coisas falámos.

Aqui é o leitor chamado a dizer:

—Outras coisas!? Até parece impossivel! Se ele é ministro das Colonias devia ter falado das ditas!

Cala a boca o leitor.

—O governo nada receia?

Não foi bem a frase, mas o sentido está exacto.

—Nada!

Eu, no papel ministerial de serenar os animos, com'o qual concorda inteiramente o sr. ministro:

—Está tudo bem. Nada ha a receiar. Pode-se dizer que o governo confia inteiramente na acção inteligente de dois portugueses ilustres: Brito Camacho e Freire de Andrade.

Baixei a cabeça ao ministro e andei em sentido contrario ao seu. Ele tambem baixou a cabeça e pareceu-me que me queria cumprimentar, agradecendo o trabalho de eu ter pensado por ele.

Peço licença para a entrevista terminar, louvando o leitor por a ter lido.

OS FILHOS DO CRIME

Emilia Rosa, "A Mosca"

QUE SE ENCONTRAVA NO ALJUBE

TENTOU ESTA MANHÃ SUICIDAR-SE, ATIRANDO-SE A' RUA

«Mal por mal, antes na cadeia que no hospital!»—costumam dizer aqueles cujo destino é passar grande parte da sua vida a vêr o sol aos quadradinhos, ás grades duma prisão.

Não o entendeu, porém, assim a Emilia Rosa, a quem a desgraça alcunhou de *Môsca*. Uns trinta anos, um numero razoavel de prisões, a conhecida *sovaqueira* encontrava-se mais uma vez no Aljube, á espera de julgamento!

Na cadeia, o pior sofrimento é o moral. De resto, come-se e bebe-se, como cá fóra, e com menos trabalho—mesmo sem o trabalho de se fugir á policia...

Ora a *Môsca* tinha no Aljube, na sala 2, uma companheira com quem andava sempre ás turras. Criaram uma á outra um odio de morte que cedo «acabaria triste»...

A Emilia Rosa, apesar de ser uma correccional, tinha medo do *segredo*, da Africa. E por isso resolveu poupar a companheira de desgraça. Esta noite, porém, a zanga foi maior. E então, não podendo surportar mais, atirou-se do Aljube á rua, por uma janela das trazeiras.

Conduzida ao hospital, verificou-se fractura de costelas, duma perna, etc. Ficou feita num feixe. E só por uma grande sorte — ¿quem sabe se ela a considerará uma desgraça? — conseguirá salvar-se.

Ela bem dizia, que tudo aquilo «acabaria triste!...»

As doenças de Lisboa

Na semana finda em 27 de maio manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 4 de febre tifoide, 3 de meningite e 31 de variola.

O «VASCO DA GAMA» segue para o Funchal

Vai ser mandado seguir de Las Palmas para o Funchal, onde completará as reparações de que carece, o cruzador «Vasco da Gama».

O DIA POLITICO

Será Victorino Guimarães o novo chefe do governo?

As propostas de finanças

Depois de uma demorada conferencia entre o chefe do governo, membros do directorio do P. R. P. e representantes das minorias republicanas, ficou assente que as propostas de finanças baixassem á comissão de comercio para, com a colaboração da comissão de finanças, serem novamente estudadas e se dê sobre elas novo parecer.

O sr. Portugal Durão aceitou esta plataforma, sob a condição de não ser alterado o criterio estrutural do seu trabalho.

Hoje, ás 17 horas, realizou-se um conselho de ministros, sob a presidencia do Chefe de Estado, onde devia ter sido largamente apreciada a situação interna e externa do país. De estranhar não será que o governo, postos em aprovação todos os problemas que demandam solução urgente, tenha reconhecido que lhe faltam os meios necessarios para fazer uma governação proficua. E assim, a sua acção futura e a sua já limitada acção será orientada pelo patriotico proposito de conseguir simplificar algumas questões ultimamente agravadas, de forma que a crise, quando se declarar, seja de solução relativamente facil.

Procurar-se-há dispor as coisas de maneira que o governo que se constituir não fique amarrado a problemas que, por serem quasi insoluveis, cedo determinariam a queda.

De resto, a atitude do gabinete sendo, como é, um governo partidario, consistirá em tentar a prova de que o partido que representa está crente de possuir ainda as condições precisas para arcar com as responsabilidades do poder.

A ser verdade o que nos ultimos dias tem corrido, nos centros de cavaco politico, é o sr. Vitorino Guimarães, ontem chegado de Genova, a individualidade que reune maior numero de possibilidades do resolver a futura—e talvez bem proxima—crise. Não nos enganamos, porém, se, desde já afirmarmos que este politico, conhecendo bem o meio politico em que vive, ao ser-lhe cometida tão grande incumbencia, opte pela solução de fazer constituir um governo partidario, mas de que façam parte, ao mesmo tempo, os valores autenticos da Republica, alguns dos quais, nos ultimos 12 anos, se teem mantido, desiludidos, num persistente afastamento das coisas da politica.

E porque não dizer que esta solução seria a unica que permitiria ao sr. dr. Afonso Costa poder dar ao seu país, dentro das fronteiras, o valimento do seu esforço?

O "RAID" GLORIOSO

Chegou a Fernando Noronha o cruzador "Carvalho Araujo"

Chegou ás 17,35, hora local, a Fernando Noronha, o cruzador *Carvalho Araujo* que conduz o hidro-avião.

Sorte grande

385..... 60.000$00

em vigesimos

Vendida hoje no

FIDALGO

Rua do Comercio, 10

LISBOA